

## VOZES DA PERIFERIA: SILÊNCIO, EXCLUSÃO, RESISTÊNCIA E REALIDADE PELO OLHAR DE CAROLINA MARIA DE JESUS

[Resenha]

Ana Clara Machado Ferreira Dias

Ana Quitéria da Silva Vieira

Submissão: 08/10/2024

Aprovação: 17/11/2024

### \* *SOBRE O AUTOR/A/OS/AS:*

#### ▪ **Ana Clara Machado Ferreira Dias**

**Graduada em Direito** pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Pós-Graduada em Direito Público; Ex-Diretora de Organização do Projeto de Extensão e Revista Acadêmica Lampiar; Extensionista voluntária do Projeto de Extensão Direito e História: Contribuição com a organização política em Comunidades Quilombolas do RN (vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais); Membro do Núcleo de Pesquisa em Educação Jurídica, Justiça Restaurativa e Socioeducação; Estagiária de Pós-Graduação na 2ª Vara da Fazenda Pública da Comarca de Mossoró; Pesquisadora de criminologia, seletividade penal, direito penal e direitos humanos.

#### ▪ **Ana Quitéria da Silva Vieira**

**Graduada em Direito** pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Mestra em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH-Uern); Especialista em Direito e Processo Constitucional e em Direito Público; Concluiu o Ensino Médio Técnico em Informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte; Facilitadora de Círculos de Justiça Restaurativa - Turma 5 - Mossoró - MPRN; Cofundadora da Revista Acadêmica Lampiar da UERN; Extensionista externa e voluntária do Projeto Direito e História: Contribuição com a organização política em Comunidades Quilombolas do RN da UERN; Pesquisadora do Observatório do Direito à Educação na Universidade de São Paulo (ObsEdu-USP); Residente em Direito na Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Norte; Pesquisadora de direito à educação, ações afirmativas no ensino superior, comissões de heteroidentificação e cotas específicas para pessoas negras e quilombolas.



## **VOZES DA PERIFERIA: SILÊNCIO, EXCLUSÃO, RESISTÊNCIA E REALIDADE PELO OLHAR DE CAROLINA MARIA DE JESUS (1960)**

Ana Clara Machado Ferreira Dias;  
Ana Quitéria da Silva Vieira

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais, e se mudou para São Paulo na década de 1940, onde começou a trabalhar como catadora de papel para sustentar seus três filhos. Considerada autodidata, Carolina aprendeu a ler e a escrever quase inteiramente por conta própria, de maneira independente. Apesar de sua condição de extrema pobreza e da ausência de oportunidades educacionais, sempre teve uma forte inclinação para a leitura e a escrita, registrando em diários suas vivências e reflexões. Foi a partir desses escritos que surgiu seu primeiro livro, *Quarto de Despejo*, obra que viria a se tornar uma das mais importantes e representativas da literatura brasileira.

Publicada pela primeira vez em 1960, a obra expõe com brutal honestidade o cotidiano de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, favelada e catadora de papel, que registra suas lutas diárias pela sobrevivência em um cenário de miséria extrema. O livro revela a cruzeza da fome, que permeia suas anotações como um dos principais desafios enfrentados, e descreve a constante sensação de exclusão social que marca a vida nas periferias urbanas. Além disso, ela denuncia a violência, tanto física quanto simbólica, sofrida pelos habitantes da favela, que foram e são sistematicamente marginalizados por uma sociedade que os invisibiliza e descarta, relatando não só sua experiência individual, mas servindo como uma crítica contundente às desigualdades sociais no Brasil.

A fome, tema central na obra de Carolina Maria de Jesus, é um dos mais poderosos símbolos de exclusão social no Brasil. Em *Quarto de Despejo*, Carolina relata de forma explícita as dores da fome que marcava sua vida e a de seus vizinhos na favela. A autora descreve a fome como uma presença constante e impla-

cável, que corrói tanto o corpo quanto o espírito: “Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer” (Jesus, 2014, p. 89). A fome, nesse contexto, não é apenas a falta de alimento, mas uma manifestação direta da injustiça social e da desigualdade estrutural que atravessa a história do Brasil.

Infelizmente, a fome do passado retratada por Carolina continua a ser uma realidade para milhões de brasileiros no presente. Em consonância com essa análise, Josué de Castro (1984), destacou a fome como uma questão política, não meramente biológica. Para ele, a fome é o resultado de uma estrutura social desigual que perpetua a pobreza e a exclusão, condenando uma parte significativa da população a viver em condições de miséria. Nos dias atuais, dados recentes apontam que o Brasil ainda enfrenta grandes desafios no combate à fome, especialmente após retrocessos nas políticas de segurança alimentar, reforçando o legado de marginalização que Carolina expôs em sua obra. Assim, tanto Carolina quanto Josué de Castro nos lembram que a fome é um problema social profundamente enraizado e que sua persistência é um sinal alarmante das falhas de nossas políticas públicas e estruturas sociais.

Em um contexto contemporâneo, a fome permanece como uma questão urgente. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), o Brasil voltou ao Mapa da Fome em 2022, após uma década fora dessa lista. As causas incluem crises econômicas, falta de políticas de segurança alimentar e desigualdades estruturais que persistem. O sociólogo e economista Amartya Sen, em sua obra *Poverty and Famines* (1981), destaca que a fome moderna não resulta apenas da escassez de alimentos, mas de falhas nas redes de distribuição e no acesso a esses recursos. Carolina Maria de Jesus ilustra essa má distribuição de forma pungente em seus diários, quando descreve o despejo de alimentos vencidos pelas grandes empresas nos rios, permitindo que os moradores da favela recolhessem esses restos para sobreviver. Esse cenário revela a contradição entre o desperdício em setores privilegiados e a luta dos marginalizados pela subsistência, evidenciando a desigualdade estrutural no acesso a bens essenciais, como o alimento.

Cenas do livro de Jesus que nos fazem repensar sobre o lugar em que ainda estamos enquanto sociedade dizem respeito às suas idas a frigoríficos para pegar ossos e preparar sua comida. Esse episódio das décadas passadas encontra um paralelo perturbador com as cenas recentes da pandemia da COVID-19, quando, segundo a reportagem do Fantástico (2021), famílias brasileiras formaram longas filas para receber doações de ossos, evidenciando a persistência da fome e da

desigualdade no país. O que Carolina experimentou em 1960, buscando restos de carne para alimentar seus filhos, continua a ser uma realidade para muitas famílias nas periferias brasileiras em pleno século XXI. A pandemia agravou a insegurança alimentar e a necessidade de recorrer aos ossos para alimentação, como mostrado na reportagem, é um reflexo do aumento da pobreza e do retrocesso nas políticas de segurança alimentar, ressaltando a continuidade de um ciclo de exclusão que Carolina já denunciava em seus escritos.

Esse cenário se acentua de forma ainda mais dramática nas grandes metrópoles e capitais, onde as disparidades sociais são especialmente evidentes. Como observado por Marina Sutile de Lima (2023), as mesmas regiões que registram altos índices de pobreza e fome também apresentam casos crescentes de obesidade, diabetes e hipertensão, revelando uma preocupante dualidade: o acesso à alimentação é limitado, e, quando possível, os alimentos disponíveis são de baixa qualidade nutricional. Isso evidencia que, além da insegurança alimentar, há um problema relacionado à precariedade da dieta, composta por produtos ultraprocessados e desprovidos de nutrientes essenciais. Esse cenário dialoga diretamente com os relatos de Carolina Maria de Jesus, onde a autora mostra a realidade da fome e das desigualdades nas favelas paulistanas da década de 1950.

Embora o Brasil tenha feito avanços na redução da fome em determinados períodos, o retorno ao Mapa da Fome entre anos de 2019 e 2022, juntamente com o aumento da insegurança alimentar nas metrópoles, reforça a persistência de uma realidade marcada pela exclusão social. Esse retrocesso é agravado pela falta de continuidade e manutenção de políticas públicas voltadas para a segurança alimentar, evidenciando a vulnerabilidade das populações mais pobres diante da desigualdade estrutural no país. Assim como Carolina denunciava o desperdício de alimentos pelas elites, Lima (2023) aponta para a necessidade urgente de políticas que garantam o acesso à alimentação digna para os mais pobres, especialmente nas áreas urbanas, onde a fome é uma expressão da desigualdade estrutural que ainda assola o país.

Um outro ponto retratado no livro é a descarada negligência por parte do poder público em relação às condições de vida nas favelas e à falta de assistência social. O livro nos confronta com cenas perturbadoras de violência e desespero, que, para os moradores daquele ambiente, eram consideradas rotineiras. A ausência de políticas públicas eficazes, que deveriam garantir direitos básicos como acesso à educação e à saúde, contribuiu para que as dificuldades da pobreza fossem sentidas de maneira ainda mais intensa e cruel por Carolina, seus familiares e seus vizinhos. Em diversas passagens, Carolina menciona a carência de escolas para os jovens, a inexistência de serviços de saúde adequados e o total abandono das famílias, sem qualquer rede de apoio ou assistência social.

Essa falta de assistência, somada à extrema vulnerabilidade, cria um ciclo de pobreza e exclusão que perpetua a marginalização dessas comunidades. Carolina narra como as crianças crescem sem perspectivas, expostas a doenças e à violência, sem o amparo do Estado ou da sociedade civil. A missão estatal, ao deixar de implementar políticas sociais capazes de transformar essa realidade, é um dos elementos que tornam a vida nas favelas ainda mais brutal. A fome, a violência doméstica, a criminalidade e o desespero tornam o pano de fundo de uma sociedade que falha em garantir o mínimo de dignidade aos seus cidadãos mais pobres.

A obra de Carolina, ao trazer esses assuntos à tona, faz um chamado urgente para a reflexão sobre a ineficácia das políticas públicas externas para a assistência social no Brasil. O cenário descrito, embora situado nas décadas de 1950 e 1960, reflete problemas que ainda persistem nas periferias brasileiras. A ausência de políticas estruturadas e consistentes, capazes de romper o ciclo da pobreza, é uma ferida aberta que continua a afetar milhões de brasileiros, como discutido por Patto (2022), mostrando como as políticas sociais no Brasil tem sido marcada por lacunas que deixam amplos setores da população desassistidos, especialmente os mais pobres. Ela aborda a fragilidade do sistema de proteção social e as desigualdades estruturais que afetam a distribuição de recursos e o acesso a direitos fundamentais, como saúde, educação e alimentação. A realidade de muitos brasileiros, em paralelo com a narrativa de Carolina, aponta para a necessidade de uma ação mais eficaz do Estado, que vá além de medidas paliativas e que enfrente as desigualdades de forma estrutural e garanta o acesso aos direitos fundamentais para todos.

A autora não foge das questões de gênero, revelando a interseção entre ser mulher, negra e mãe solo em um ambiente marcado pela pobreza extrema. A escritora, ao narrar seu cotidiano, traz à tona as dificuldades adicionais que surgem para ocupar essas posições sociais. Em primeiro lugar, o fato de Carolina ser uma mulher negra é central para a compreensão de sua obra. Historicamente, as mulheres negras no Brasil têm sido duplamente marginalizadas: pela cor da pele e pelo gênero. Carolina faz questão de demonstrar que, além de lutar contra a fome e a miséria, sua vida era marcada pelo preconceito racial e pela exclusão. Essa exclusão se reflete em todos os aspectos de sua vida, desde a falta de oportunidades no ambiente educacional como no mercado de trabalho, onde o racismo e o sexismo lhe colocou no “quarto de despejo” da maior cidade do país.

A condição de mãe solo também é um tema recorrente em suas narrativas. A escritora descreve as dificuldades de criar filhos sem qualquer apoio, seja ele do Estado ou de parceiros. A responsabilidade de sustentar sua família recai completamente sobre seus ombros, que não poderia deixar de ir catar papel um

único dia, tendo em vista que a alimentação e a vida dela e de seus filhos dependia disso.

Em um de seus relatos, do dia 19 de junho de 1958, Carolina explicita essa realidade ao narrar um dia de trabalho, “Passei na sapataria para pegar o papel. O saco estava pesado. Eu devia carregar o papel em duas viagens. Mas carreguei de uma vez porque queria chegar em casa, porque a Vera estava doente e sosinha” (Jesus, 2014, p. 134). Essa angústia materna revela uma crítica profunda à falta de políticas públicas de assistência à mulher, especialmente aquelas que, como ela, se encontram em situação de vulnerabilidade extrema. Ainda, revela a ausência paterna, uma dura realidade também dos dias atuais.

Carolina não conta com a presença de nenhum dos genitores dos seus três filhos, e, sem a presença de um parceiro para dividir as responsabilidades, ela assume integralmente o papel de provedora, algo que torna sua vida ainda mais difícil em um contexto de extrema pobreza. Ela relata como buscava sobreviver enfrentando não apenas a fome e as condições precárias de moradia, mas também a solidão e a pressão de ser a única responsável pelo bem-estar de seus filhos. Em suas anotações, ela expõe o medo constante de não conseguir alimentá-los ou protegê-los, destacando a injustiça e o peso adicional que a sociedade impõe às mulheres que, como ela, são mães solo. A ausência de políticas públicas eficazes e o desprezo do sistema pelos mais vulneráveis reforçam a sua solidão, evidenciando como a ausência paterna agrava ainda mais a precariedade de sua condição.

Além disso, Carolina reflete sobre como a condição de ser mulher, de forma isolada, já traz consigo desafios em uma sociedade patriarcal. As mulheres de sua comunidade, como ela descreve, eram muitas vezes vítimas de violência doméstica e abusadas sexualmente, e os homens saíam impunes desses episódios, evidenciando um sistema que favorece os homens em detrimento das mulheres.

Essa realidade de racismo e sexismo contribui para a persistência de desigualdades estruturais no Brasil, tornando evidente a forma desproporcional como a fome afeta as famílias chefiadas por mulheres negras. Essas mulheres, em sua maioria pobres, continuam a sustentar sozinhas seus lares, enfrentando múltiplos níveis de exclusão social e econômica. De acordo com o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 (VIGISAN), entre novembro de 2021 e abril de 2022, 20,6% das famílias lideradas por pessoas autodeclaradas pretas e pardas sofriam com a fome, vivendo sem acesso contínuo a uma alimentação adequada e incertas sobre a garantia das próximas refeições (Lacerda, 2023).

O cenário torna-se ainda mais crítico entre mulheres negras, com 22% dessas famílias em situação de insegurança alimentar, em contraste com 13,5% entre

as famílias chefiadas por mulheres brancas. Essa diferença está intimamente relacionada ao racismo e sexismo estruturais que afetam as oportunidades de trabalho e acesso a recursos dessas mulheres. Mesmo quando possuem maior escolaridade, elas ainda enfrentam barreiras impostas pelas desigualdades sociais, econômicas e institucionais, o que agrava sua vulnerabilidade e de suas famílias.

A estrutura social brasileira, historicamente, marginaliza a população negra, especialmente as mulheres, perpetuando um ciclo de pobreza e fome. O estudo também ressalta que, apesar dos avanços na educação, a vulnerabilidade das mulheres negras ainda é maior devido a questões estruturais como a discriminação racial no mercado de trabalho e a falta de políticas públicas eficazes. Isso reforça a urgência de medidas direcionadas para enfrentar essas desigualdades e promover a inclusão socioeconômica dessas famílias.

Carolina Maria de Jesus desempenhou um papel fundamental ao dar voz àqueles que compartilhavam suas experiências, especialmente moradores de favelas e pessoas em condições de extrema pobreza. Sua escrita, marcada pela sinceridade e crueza, revelou uma realidade social invisibilizada pelas elites e pelos setores mais privilegiados da sociedade brasileira. Carolina registrou com detalhes as dificuldades diárias de sobrevivência, abordando temas como a fome, a discriminação e a exclusão social. Sua obra não apenas documenta essas realidades, mas também oferece uma plataforma de resistência e denúncia, humanizando os indivíduos marginalizados. Ao compartilhar suas vivências e como de seus iguais, Carolina fortaleceu a luta por dignidade e justiça social, demonstrando o poder da narrativa como forma de transformação.

Portanto, a obra de Carolina não é apenas um relato pessoal de suas dificuldades, mas um grito de denúncia e resistência. Ela escancarou a falta de compromisso das autoridades com as populações mais vulneráveis e nos faz questionar até que ponto o país avançou ou estagnou em relação à assistência social. O apelo de Carolina é atual e urgente: sem uma política pública eficaz, que garanta educação, saúde e assistência aos mais pobres, uma desigualdade que só tende a se perpetuar, condenando gerações inteiras a uma vida sem dignidade e oportunidades.

A sua importância transcende sua condição de escritora autodidata. Sua obra é um testemunho vivo da realidade de milhões de brasileiros marginalizados, especialmente mulheres negras e pobres. Ao dar voz a essa população, que muitas vezes é silenciada, Carolina criou uma narrativa que confronta a indiferença social e expõe as feridas abertas da desigualdade no Brasil. O sucesso de seus escritos fez dela uma figura de destaque, tanto na literatura quanto no ativismo social, e sua contribuição continua a inspirar debates sobre raça, classe, gênero e exclusão nas sociedades contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço**. 10 ed. Rio de Janeiro, Edições Antares, 1984.

FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. **O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2022**. FAO, 2022.

FILA para conseguir doação de ossos é flagrante da luta das famílias brasileiras contra a fome. **G1 Fantástico**, 25 de julho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/fila-para-conseguir-doacao-de-ossos-e-flagrante-da-luta-de-familias-brasileiras-contra-a-fome.ghtml>. Acesso em: 01 de out. de 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LACERDA, Nara. Fome no Brasil atinge mais as famílias de mulheres negras, aponta estudo **Brasil de Fato**, São Paulo, 26 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/06/26/fome-no-brasil-atinge-mais-as-familias-de-mulheres-negras-aponta-estudo>. Acesso em: 01 de out. de 2024.

LIMA, Marina Sutile de. O combate à insegurança alimentar nas metrópoles brasileiras: uma urgência nacional. **Brasil de Fato**, São Paulo, 26 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/26/o-combate-a-inseguranca-alimentar-nas-metropoles-brasileiras-uma-urgencia-nacional>. Acesso em: 01 de out. de 2024.

PATTO, Maria Helena Souza. **A cidadania negada: políticas públicas e formas de viver**. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 2022. Disponível em: [www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/913](http://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/913). Acesso em: 5 de set. de 2024.

SEN, Amartya. **Pobreza e Fome: Um Ensaio sobre Direito e Privação**. Oxford University Press, 1981.